

Bandido enviado a Maputo para fazer espionagem

N. 22/10
84

• Preso pelo SNASP, em aturado trabalho de investigação

Um proeminente bandido armado, treinado em Salsbúria, na então Rodésia do Sul e posteriormente levado à África do Sul, onde frequentou um curso de espionagem, vindo o qual foi enviado a Maputo, foi há dias apresentado a jornalistas nacionais e estrangeiros na capital do País, a quem fez um relato circunstanciado da sua carreira naquelas fileiras. Trata-se de Alberto Macamo, natural de Maputo, que ingressou nos bandos armados quando ainda se autodenominava «Movimento de África Livre», no ano de 1978.

Bem falante e detido de grande veracidade (a sua exposição levou cerca de hora e meia), Alberto Macamo é extremamente arrogante. As suas declarações, frequentemente repassadas de violentos chavões do mais rudimentar anticomunismo, denotam uma mente doentamente impregnada de doutrinação, onde as ideias inculcadas pela propaganda imperialista ganharam a forma de valores, aceites por convicção.

INGRESSO NO BANDITISMO

De 33 anos de idade, Alberto Macamo imprime às suas palavras uma redundância que é acompanhada de gestulações e uma expressividade facial espectacular.

Ouçamos, pois, aquilo que o registado jornalístico conseguiu fixar das declarações deste bandido armado:

Em 1976 fui detido pela PIC e enviado para o Centro de Reeducação de Gromgosa, em Sofala. Mais tarde, fui transferido para o Centro de Reeducação de Sacuzi, em Manica, onde fiquei até 1978. Num sábado, apareceu no nosso Centro o Ministro Marcelino dos Santos, que após uma demorada visita fez uma reunião conosco, afirmando que muitos de nós já estávamos em condições de ser reintegrados na sociedade. No dia seguinte, domingo, apareceram cinco helicópteros a sobrevoar o nosso Centro. Entretanto, em terra mais de uma centena de soldados haviam cercado o local onde nos encontrávamos. A certa altura, soui o toque de um apito, idêntico ao que se usava no Centro para a concentração geral. Todos fomos para a parada.

Conforme esclarece Alberto Macamo, a ideia geral, quando soui aquele apito era de que já tinham chegado os soldados que nos vinham restituir à liberdade de acordo com as palavras de Marcelino dos Santos.

Quando chegámos ao local onde tinha sido o apito, um dos que cercavam o Centro ordenou que o nosso comandante avançasse e quando este o fez foi o primeiro a levar com um martelo na cabeça. Seguiu-se depois uma grande barafunda com os homens a dispararem sobre nós, tendo atingido muitos policiais do nosso Centro. Entretanto, os helicópteros aterraram e deles desceram quatro indivíduos de cabelo grande, todos pretos. Mandaram-nos tirar as camisas pretas da larda e entrar nos helicópteros, que pouco depois levantaram voo — adianta Macamo.

O TREINO

Eram muitos os reeducandos raptados, segundo afirmou Alberto Macamo e entre eles estavam algumas mulheres dos policiais do Centro. Os cinco aparelhos rumaram para Mutara, em Salsbúria, onde aterraram sobre um monte. A noite, veio um helicóptero, segundo disseram os raptados dos reeducandos provenientes da África do Sul, com mantimentos (rões, e enlatados) que foram distribuídos por todos.

Na segunda semana — prossegue Alberto Macamo — começámos a treinar. Esta instrução compreendia exercícios físicos, armamento e ru-

las políticas, onde nos diziam que iríamos lutar para abolir o comunismo em Moçambique. A instrução durou seis meses. Aprendemos a manejar armas ligeiras, incluindo a de coronha-dupla e ainda o morteiro, canhão e a «bazooka». No fim do treino a mim deram-me duas armas, a de coronha-dupla e a «bazooka». No fim da instrução o nosso comandante disse-me: «você dá bem para lutar pela nossa Pátria, vai para ali».

Quando diz estas coisas, Alberto Macamo, dá a impressão de que o faz com orgulho, invalidando-se pela aplicação que demonstrou durante o treino.

AS PRIMEIRAS OPERAÇÕES

Depois disto, avançámos para a guerra. Perto da fronteira com a Rodésia, chegámos à localidade de Machaze, onde encontramos uma bicha. Perguntámos às pessoas o que faziam ali. Responderam-nos que estavam à espera para comprar géneros. Arrombámos as lojas, entrámos e começámos a tirar todos os sacos e outras mercadorias para fora. Depois queimámos as lojas. Em seguida fomos a uma loja de tecidos, levámos aquilo tudo e queimámos a loja. Fomos fazer uma base numa zona chamada «Onza» e a partir daí dissemos que agora só queremos soldados.

— Quer dizer, até aí matavam civis? — a esta pergunta, de um jornalista estrangeiro ali presente, Alberto Macamo respondeu:

Bem, matámos aqueles civis que costumavam cantar certas músicas, por exemplo aquelas canções que dizem «vamos matar os bandidos», «a cabeça dos matançais está cheia de mategueira» e outras. Eram esses civis que matávamos. Agora, quando decidimos passar a atacar soldados, fizemos uma primeira operação perto da fronteira, onde estava mais de um batalhão. Ali, à mortelrada e «bazooka» limpámos todos e outros fugiram. Depois carregámos uma grande quantidade de armas.

Ao chegar a esta parte do seu relato, Alberto Macamo desorbitava os olhos, parecendo estar a reviver os acontecimentos.

Depois fomos para a Vila de Caltandica. Ali tivemos um combate às 2 horas da madrugada. Os soldados estavam a dormir. Foram facilmente derrotados e carregámos muitas armas, incluindo canhão e morteiro. A outra operação foi em Morunguze. Eram 11 horas da noite. O nosso curandelo foi à frente. Batemos fogo durante três dias e ao quarto acabámos.

CURSO DE ESPIONAGEM NA ÁFRICA DO SUL

Quando chegámos à base — afirma Alberto Macamo — houve uma selecção dos melhores em que eu também fui incluído. Fomos levados para a África do Sul. Estávamos em Agosto de 1978. Voámos de helicóptero até Nelspruit. Quando lá chegámos, meteram-nos num quartel. Disseram que iríamos ser formados como agentes de segurança e de espionagem. Terminado o curso, foram escolhidos 50 de entre nós, para

virem a Moçambique, em missão de espionagem. Eu estava entre os 10 que vinham à cidade de Maputo. Deram-nos bom dinheiro para pagarmos despesas em qualquer parte.

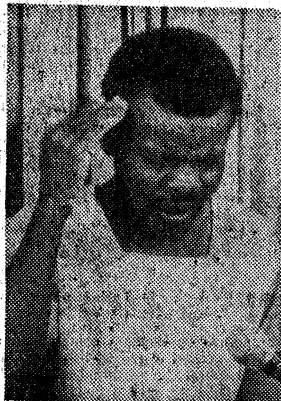
Cada um dos agentes enviados a Moçambique partiu sozinho, a fim de evitar suspeitas das autoridades do nosso País. Documentação falsa foi-lhes fornecida.

Eu subi o comboio em Nelspruit e fui para Pretória. Daqui, em vez de me servir da falsa documentação que me fora dada, dirigi-me à Migração e disse que era mineiro moçambicano e pretendia regressar à minha terra. Perguntaram-me a que companhia pertencia e como eu conhecia bem a África do Sul, porque tinha trabalhado lá de 1969 até 1973, disse uma das companhias em que tinha estado. Eles foram ver nos papéis e encontraram o meu nome. Então, passaram-me uma gula e carimbaram. Mal-me no comboio e quando cheguei a Ressano Garcia tirei 30 contos em randes e dei a um dos funcionários. Então, não me espetaram muito. Consegui passar até chegar à minha casa.

EM MAPUTO

Cheguei a Maputo em 1980 e contactei a minha família. Algumas pessoas da família começaram a apertar-me com perguntas, dizendo que tinham ouvido dizer que eu fora raptado para os bandidos armados no Centro de Reeducação. Eu neguei categoricamente, dizendo que na confusão registada durante o rapto eu tinha conseguido fugir para Vila Paiva de Andrade e de lá vim até à Beira, onde as autoridades me compraram uma passagem de avião para o regresso à casa. Mesmo assim, houve um parente que me exigiu o bilhete de avião, para acreditar e eu disse que não o tinha conservado.

Alberto Macamo conseguiu assim viver em Maputo, sem nunca trabalhar, de 1980 até 1982, convencendo-se de que tinha passado despercebido o seu regresso. Mas, apesar de todas as precauções que tomava,



«Eu vinha «paulado» porque suruma vinha aos sacos da África do Sul».

a Segurança estava já no seu encaixo.

Já em 1982, estava eu no «Tico-Tico», a comer e beber com um amigo. Tinha comprado uma grade de cerveja e galinhas. Esse amigo era um vizinho, com quem desde há algum tempo costumava passear. Mas nesse dia, já estávamos a animar com a cerveja, ele começa a contar-me que fora raptado pelos bandidos no Centro de Reeducação de Sacuzi e enviado para a Rodésia. Fiquei muito admirado, porque não me lembrava dele da Reeducação, mas como os pormenores que dava se encaixassem bem na história, cometi a asneira de confiar nele. Era a primeira e única pessoa em quem confiava, contei-lhe então a minha história.

Passaram-se alguns meses sem que nada ocorresse. A amizade entre Alberto Macamo e seu vizinho e companheiro «dos copos», ia-se cimentando cada vez mais.

Ele dizia-me que trabalhava na Comissão Nacional do Plano e eu estava longe de suspeitar dele, pois ele também me tinha confiado algumas segredos que o pediriam algum. De repente, em Novembro de 1982, chegaram à minha casa agentes da Segurança e tocaram à campainha. Quando abri a porta disseram-me para os acompanhar por alguns minutos só para algumas perguntas formais. Levaram-me para a Segurança, mas quando lá chegámos fecharam-me numa cela e em 12 de Dezembro levaram-me para Machava, onde até hoje me encontro.

EU VINHA «PAULADO»

— Você, nas suas declarações, afirma «nos da Resistência» e em quase todas as passagens dá a ideia de que ainda assume o facto de ser bandido armado. Portanto, não está arrependido de ter estado lá?

Bem, sabe, é que eu vinha muito «paulado» de lá, porque suruma vinha aos sacos da África do Sul. Por isso, nós fumávamos diariamente, assim como se fuma o cigarro. É por essa razão que a minha cabeça ainda não está boa, às vezes ao recordar certas coisas julgo que ainda estou lá. Mas já não me considero bandido, tanto mais que fui lá parar à força não me entreguei voluntariamente — disse Alberto Macamo, em resposta à pergunta acima expressa.

Instando a indicar os nomes dos seus chefes nos bandidos armados e no quartel sul-africano de Nelspruit, respondeu:

Durante o treino em Salsbúria tive um chefe de nome Ismael Quintas. Durante as operações fomos começados por Vasco Massinga, António Chico e Fchilão Metusse. Agora, na África do Sul, não sei os nomes, porque eles não nos davam tanta confiança ao ponto de os conhecermos de nome. Apenas sei que eram oficiais sul-africanos brancos. Entre eles havia um major.

— E durante o tempo em que andou nos combates, quantas pessoas você matou?

É difícil dizer quantas. Devem ser algumas dezenas ou centenas mesmo, porque eu operava com «bazooka», morteiro ou canhão, que quando disparados atingem muitas pessoas de uma só vez. Além disso, quando se está num combate destes não há tempo para se contar quantas pessoas que caíram pela minhas balas.